

J. Periam Danton, apesar da crítica que agora se lhe faz, parece ter dito o que ainda é o mais razoável em toda esta história: que a Biblioteconomia Comparada mais do que uma nova disciplina deveria ser considerada como um "método". Deveria, talvez, chamar-se "Método Comparado de Biblioteconomia". As contribuições futuras no campo talvez um dia justifiquem a sua autonomia como verdadeira disciplina e a presente polêmica entre os poucos cultores é válida e estimulante.

ANTONIO MIRANDA

Coordenação do aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Brasília, DF



HARVEY, John F., ed. **Comparative & international library science**. Metuchen, N. J., Scarecrow Press, 1977. 286 p. ISBN 0 8108 1060 3. \$ 12.00

Talvez porque as comunicações estreitam as relações entre os povos ou devido ao amadurecimento da própria Biblioteconomia nos diversos países, o certo é que os anos 70 viram surgir, em crescendo considerável, artigos sobre Biblioteconomia Internacional e Comparada. A Inglaterra, neste terreno, reúne a maioria dos especialistas (Simsova, Thompson, Parker, Foskett, etc.), e, do lado de cá do Atlântico, J. Periam Danton é o Dom Quixote dos argumentos e das revisões terminológicas, pois o terreno é ainda novo, moveção e indefinido. Muitas das definições são confusas e contraditórias, e a própria terminologia em que se baseiam não tem validade internacional.

Surge agora esta obra em que aparecem contribuições (infelizmente, ainda não definitivas pelas indefinições próprias da "nova" ciência) de Danton, Foskett, Boaz, Vickery, Thompson e outros menos conhecidos do público brasileiro, versando sobre definições, pesquisas e os progressos recentes na área.

A Babel restaurada. Não existe ainda – apesar do esforço coordenador do organizador do livro – um denominador comum entre os especialistas. Tudo indica que, de fato, cresceu muita a literatura sobre Biblioteconomia Comparada mas, em contrapartida, os **estudos comparados** continuam escassos, raros e insignificantes. Um novo **ismo** de uma ciência – a Biblioteconomia ou a Ciência de Informação, como preferem os mais vanguardistas –, uma moda passageira ou, de fato, um novo e autêntico método capaz de prestar à Biblioteconomia os fundamentos teóricos, filosóficos e os valores universais de que carece para transformar-se em uma autêntica “ciência”?

Simsova utilizou, com relativo sucesso, uma técnica exploratória – o método Deifos – para desvendar o futuro da Biblioteconomia Comparada. O horizonte é ainda nebuloso. As técnicas são, fundamentalmente, as da Educação Comparada e de outras disciplinas comparadas da área das ciências sociais. A terminologia é imprecisa e as definições conflitantes.

O fato de o pesquisador ser um consultor internacional da UNESCO credita-o para que seu relatório seja enquadrado na categoria de internacional se o tema é um determinado país? (Por exemplo, o relatório de Mr. Beel sobre a Venezuela.) Em caso positivo, é então a **nacionalidade** ou a sua **condição de consultor** que determina o caráter “internacional” de seu relatório? Um estudo dos hábitos de leitura da classe média comparados com os da classe operária pode ser considerado no âmbito da Biblioteconomia Comparada? Há quem afirme que sim (Simsova) enquanto outros afirmam que não (Danton). Uma contribuição à confusão geral?

Danton afirma que a análise das bibliotecas públicas dos diferentes cantões da Suíça, devido às influências “externas” em seu universo ideológico e cultural, é um bom exemplo de estudo comparado “intercultural”. Outros afirmam que a comparação deve ser necessariamente entre nações e o que a define é a explicação do **porquê** das diferenças e similaridades e não o seu **como**. Onde começa a Biblioteconomia Comparada e onde termina a Biblioteconomia Internacional? Se aceitamos a assertiva de que a Biblioteconomia Comparada só é possível na base da comparação internacional, então a Biblioteconomia Comparada é uma parte menor da Biblioteconomia Internacional, justamente aquela parte onde o **método comparado é empregado**.

O livro organizado por Harvey não traz qualquer alusão a este aspecto. As dúvidas persistem mas, felizmente, a utilidade da Biblioteconomia Comparada parece despontar além destas questões semânticas e acadêmicas. Trata-se de um instrumento válido para comparar diferentes sistemas de bibliotecas ou de seus componentes, com vistas a determinar as causas e efeitos de suas diferenças e semelhanças, de modo a orientar os planejadores e administradores na tomada de decisões pertinentes ao processo de desenvolvimento de seus próprios sistemas. Utilidade crucial num mundo como o nosso, onde as técnicas e os nomes, assim como os serviços bibliotecários, extravasam fronteiras e são aceitos sem um julgamento consciente de suas consequências.

O leitor encontrará definições do que é ou pretende ser a Biblioteconomia Comparada na recensão sobre os livros de Foskett e Danton nas páginas antecedentes. Caberia aqui o exercício lúcido de oferecer a mais atualizada, concisa e “pura” definição do que seja “Biblioteconomia Internacional”.

“Biblioteconomia Internacional consiste em atividades levadas a cabo entre ou por instituições, organizações governamentais ou não ou por grupos de indivíduos de duas ou mais nações, para promover, estabelecer, desenvolver, manter e avaliar serviços bibliotecários e documentários comuns, assim como a Biblioteconomia e a profissão do bibliotecário em geral, em qualquer lugar do mundo.” Danton considera esta definição de J. Stephen Parker a mais “thoughtful and analytical”, a “melhor até aqui proposta e a melhor citada até agora”. Sem dúvida. Dizemos que caberia o “exercício lúcido” porque destrinchar as fronteiras entre a “comparada” e a “internacional” é ainda um quebra-cabeças. Se não vejamos. Se aceitamos a definição de Parkes do que se entende hodiernamente como “Biblioteconomia Comparada”, tal como a louva e proclama entusiasticamente o cervantesco J. Periam Danton, caberia uma pequena dúvida. Ora, se a Biblioteconomia Internacional, segundo a citada definição de Parker, pretende “avaliar”, em bases internacionais, os serviços bibliotecários de duas ou mais nações, em que base se efetuará a tal “avaliação”? Com métodos comparados? Se não, então a Biblioteconomia Internacional conforma-se com estudos “descritivos” e sem “base científica” na sua tarefa comparativa? Quem nasceu primeiro: a Biblioteconomia Comparada ou a Internacional, o ovo ou a galinha?

ANTONIO MIRANDA



FERREIRA, Gilda Pires. **A biblioteca universitária em perspectiva sistêmica.** Recife, Convênio MEC/DAU, e Universidade Federal de Pernambuco, 1977. 39 p.

Sob a orientação do Dr. Jesse H. Shera, da Escola de Biblioteconomia da Case Western Reserve University (EUA), e graças a uma bolsa para pesquisa da Comissão Fulbright, Gilda P. Ferreira, bibliotecária e professora assistente da Universidade Federal da Bahia, realizou o presente estudo que enfoca sistemicamente a biblioteca universitária.